

### Antes

Todos os dias o mesmo: o burburinho matinal está cheio de ruídos abafados. Na cela, o cheiro nauseabundo intensifica-se e mistura-se com os gemidos surdos, desconexos para os ouvidos de quem acordou há pouco e está ainda sonolento. Só recebe luz na cara durante uma parte da manhã, o que geralmente o acorda.

A vida passa-lhe ao lado e muito tempo passará até que sinta a luz do sol banhar-lhe o corpo inteiro. Está perdido no tempo e preso no espaço. Aqueles metros quadrados são o mesmo que nada. Vive num jazigo. Todos os seus planos adiados; não desapareceram, assombra-no. E o mais certo é que assim continue a ser eternidade fora. Ou eternidade dentro.

Conhece os sons dos guardas e as vozes de alguns dos outros mas não lhe dizem nada. Ninguém parece saber por que está ali; essa incógnita vivida colectivamente sempre consola. A sós consigo, sufoca. Os dias monótonos e repetitivos fazem com que se sinta progressivamente mais deprimido e saturado daquele lugar objecto.

O guarda aparece e de rompante abre a fresta deixando entrar mais alguma luz.

- Pequeno-almoço. Despachar.

Não é o tipo do costume. Pensa nisso para se distrair. De todas as vezes que lhe trazem as refeições (para quê?!) pensa nos comprimidos que tem no bolso. São a única coisa a que se pode agarrar, a única coisa que foi a tempo de agarrar. O facto de a qualquer momento poder pôr fim ao pesadelo dá-lhe alguma força. Tudo tem um lado bom; até a morte. Paradoxalmente são estes comprimidos que lhe permitem resistir.

De todas as vezes que lhe trazem as refeições lembra-se também dos guardas, tão presos como ele mas a terem de o servir. O absurdo é geral e o desespero calado, tão sólido como as paredes, faz-se sentir de ambos os lados.

Perdida a conta dos dias, esta é mais uma manhã; o mesmo calor fétido, a mesma dormência nos membros, o mesmo carrossel demente girando ao ritmo da mesma valsa infernal. Refugiado na rotina para não enlouquecer, desistiu de esperar outra coisa; já nem se lamenta.

Subitamente, para sua incredulidade, sente o edifício desabar num estrondo demorado. Porém, para lá do abalo violento, nada mais aconteceu no seu cubículo. Depois de uma tontura e de confirmar que não alucina, empoleira-se na enxerga e aproxima-se das grades para tentar ver alguma coisa. Alguma coisa grave se terá passado; vê copas de árvores e fica feliz. Reconhece-lhes o verde. Nunca antes as vira da janela; só o céu. À sua volta há barulho, sons rápidos e abruptos como os de vampiros em debandada ante o nascer do sol. Momentos depois torna-se evidente que houve uma fuga. Como não sabe onde está, não pode imaginar para onde. Depois da vozeria confusa, o silêncio instala-se.

Decide também ele fazer uso da voz mas só se ouve a si. Será tarde? Tarde para quê, se nem sabe o que se passou afinal? A cela está agora um pouco inclinada e consegue ver as árvores mas excepto isso nada mais. Chama mais alto por alguém mas não obtém resposta. Chama pelos guardas. Chama de novo. Nada. Sente um silêncio novo; não como o das noites sem fim, não como o do seu transe solitário, é silêncio de

## Exemplo de edição (ficção)

© Rita Canas Mendes | Com Texto

vento a roçar o edifício que desconhece. Se se sentasse e ouvisse com atenção talvez decifrasse a arquitectura através dos silvos mas está demasiado inquieto para isso. As árvores ao longe devolveram-lhe a esperança. Puxa novamente pela garganta e chama por alguém. Que o tirem dali, que lhe digam qualquer coisa. Desta vez ouve resposta. Chega-lhe, distante, um eco sumido. Torna a chamar, mais alto. Recebe em resposta um murmúrio dorido. A voz de lá não tem força e a dele perde a que lhe resta. Tenta sossegar-se e depois de várias hipóteses supõe o pior: o edifício ruiu, os que não morreram soterrados fugiram e a cela dele ficou intacta. Não pode ser. Atira-se contra as paredes, talvez o abalo as tenha enfraquecido. Prefere morrer nas tentativas do que ficar à espera. Tem de aproveitar enquanto tem força e a adrenalina lhe corre nas veias. Usa os ombros. Nada. Interrompe as investidas de vez em quando para voltar à janela em busca de alento. O silêncio torna tudo pior. As paredes, imóveis, recusam as suas súplicas. As árvores acenam-lhe de longe. Cansado, volta a chamar por alguém. Os pensamentos atropelam-se e agarra-se à ideia de alguém o vir buscar. Mas não sabe onde está, já mal sabe quem é, e a esperança reduz-se a um pavio carbonizado. As horas passam-se e em breve anoitece. Está esgotado. Gastou em poucas horas energia que lhe renderia uns dias de sobrevivência mas não se arrepende. Parou de lutar, já só espera por um som humano ou um milagre. Preferia o primeiro, sempre faria mais sentido e é de sentido que precisa. Mas, sabe-o, ninguém virá; não há ali nada que alguém possa querer.

Empoleirado na enxerga, contempla as copas alongadas das árvores até ao anoitecer. Depois disso continua de olhos postos no recorte das árvores contra o céu. Não está seguro de a distinguir mas pensa que sim, que ainda lhes vê a silhueta. Quando tem a certeza de já a ter perdido, chega a mão ao bolso, tira os comprimidos e leva-os à boca. Tem de os engolir com saliva. Mastiga-os para acelerar o efeito. Deita-se, cruza os braços à faraó e adormece no seu caixão.

## Exemplo de edição (ficção)

© Rita Canas Mendes | Com Texto

### Com alterações

Todos os dias o mesmo: a vozeria indistinta, o mau cheiro que lhe atinge os pulmões como se fosse a primeira vez. Só recebe luz na cara durante uns minutos, de manhã, o que geralmente o acorda.

**Eliminado:** o burburinho matinal está cheio de ruídos abafados. Na cela, o cheiro nauseabundo intensifica-se e mistura-se com os gemidos surdos, desconexos para os ouvidos de quem acordou há pouco e está ainda sonolento. ...ó recebe luz na (...)

A vida passa-lhe ao lado. Está perdido no tempo e preso no espaço. Aqueles metros quadrados são o mesmo que nada: só lá cabem ele e os seus planos adiados. Não desapareceram, assombram-no. E o mais certo é que assim continue a ser eternidade fora. Ou eternidade dentro.

**Eliminado:** e muito tempo passará até que sinta a luz do sol banhar-lhe o corpo inteiro. ...stá perdido no tempo e preso (...)

Conhece os sons dos guardas e as vozes de alguns dos outros, mas não lhe dizem nada. Ninguém se conhece nem sabe por que motivo está ali; a incógnita vivida coletivamente sempre consola. A sós consigo, sufoca. Os dias monótonos e repetitivos fazem com que se sinta progressivamente mais deprimido e saturado daquele lugar abjeito.

**Eliminado:** parece ...aber...por que (...)

Um guarda aparece e abre a fresta deixando entrar mais alguma luz.

**Eliminado:** O...guarda aparece e de (...)

-Almoço. Despachar.

**Eliminado:** -...Pequeno-a (...)

Não é o tipo do costume. Pensa nisso para se distrair. De todas as vezes que lhe trazem as refeições (para quê?! lembra-se dos comprimidos que tem consigo. São a única coisa a que se pode agarrar, a única coisa que foi a tempo de agarrar. O facto de a qualquer momento poder pôr fim ao pesadelo conforta-o. Até a morte tem o seu lado bom. Paradoxalmente, são estes comprimidos que lhe vão dando vida.

**Eliminado:** pensa ...embra-se dn...s (...)

De todas as vezes que lhe trazem a malga lembra-se também dos guardas, tão presos como ele mas a terem de o servir. O absurdo é geral. O desespero calado, tão sólido como as paredes, faz-se sentir de ambos os lados.

**Eliminado:** s...refeições ...alga lembra (...)

Perdida a conta dos dias, eles fundem-se. A rotina não chega sequer a sê-lo. Há só uma grande manhã, uma grande tarde, uma grande noite; o mesmo calor fétido, a mesma dormência nos membros, o mesmo carrossel girando ao ritmo da mesma valsa infernal. Desistiu de esperar e já não se lamenta.

**Eliminado:** esta é mais ...á só uma (...)

À tarde, para sua incredulidade, sente o edifício desabar com um estrondo demorado. Porém, para lá do abalo violento, nada mais aconteceu no seu cubículo. Depois de uma tontura e de confirmar que não alucina, empoleira-se na enxerga e aproxima-se das grades para tentar avistar alguma coisa. Percebe que foi grave. Vê copas de árvores e sente-se feliz. Reconhece-lhes o verde. Nunca antes as vira da janela; só o céu. À sua volta há barulho e então grita também. Pede socorro, chama por alguém, quer dizer que está ali. O ruído confuso continua. Não há resposta. Algum tempo depois torna-se evidente que houve uma fuga. Como não sabe onde está, não pode imaginar para onde. Para fora.

**Eliminado:** Subitamente... tarde, para (...)

**Eliminado:** , sons rápidos e abruptos como os de vampiros em debandada ante o nascer do sol. Momentos...lgum temp (...)

Instalou-se um silêncio definitivo. A cela está agora um pouco inclinada e consegue ver as tais árvores, mas nada mais. Chama por alguém o mais alto que pode e não obtém resposta. Chama pelos guardas. Chama de novo. Nada. Este é um silêncio novo; não como o das noites, não como o do seu transe solitário; é um silêncio de

**Eliminado:** .¶

**Eliminado:** Decide também ele fazer uso da voz mas só se ouve a si. Será tarde? Tarde para quê, se nem sabe o que se passou afinal?...nstalou-se um silêncio (...)

## Exemplo de edição (ficção)

© Rita Canas Mendes | Com Texto

vento a roçar o edifício que ele desconhece. Se se sentasse e ouvisse com atenção, talvez decifrasse a arquitetura através dos silvos, mas está demasiado inquieto. As árvores, por momentos, devolveram-lhe a esperança. Puxa novamente pela garganta e chama. Chama por alguém, chama por si, chama por um sinal de vida. Que o tirem dali, que não se esqueçam dele. Desta vez ouve resposta. Chega-lhe, distante, um eco sumido. Entre o desespero e a euforia, torna a chamar. Mais alto e mais alto ainda. Recebe de volta um murmúrio dorido. A voz de lá não tem força e a dele perde a que lhe resta. Tenta sossegar-se e acaba por supor, o pior: o edifício ruiu, os que não morreram soterrados fugiram e a sua cela ficou intacta. Não pode ser. Atira-se contra as paredes, talvez o abalo as tenha enfraquecido. Tem de aproveitar enquanto a adrenalina lhe corre nas veias. Usa os pés, os ombros, o corpo todo. Nada. Interrompe as investidas de vez em quando para voltar à janela em busca de alento. O silêncio torna tudo pior. As paredes, imóveis, recusam as suas súplicas. As árvores acenam-lhe de longe. Cansado, volta a chamar. Os pensamentos atropelam-se e agarra-se à ideia de alguém o vir buscar. Não sabe onde está, já mal sabe quem é, e a esperança reduz-se a um pavio carbonizado. As horas passam, e em breve anoitece. Está esgotado. Gastou em poucas horas energia que lhe renderia uns dias de sobrevivência, mas não se arrepende. Parou de lutar, já só espera por um som humano ou um milagre. Preferia o primeiro. Mas, sabe-o, ninguém virá, não há ali nada que alguém possa querer.

De pé sobre o catre, esticado o mais que pode, contempla as copas, alongadas, até escurecer. Depois disso, continua de olhos postos no recorte das árvores contra o céu. Não está seguro de distinguir a sua silhueta, mas pensa que sim. Quando reconhece que a perdeu de vista, alcança os comprimidos. Tem de os engolir com saliva. Mastiga-os para acelerar o efeito e certifica-se de que não deixou nada na boca. Deita-se e adormece no seu caixão.

Eliminado: c

Eliminado: para isso

Eliminado: ao longe

Eliminado: por alguém.

Eliminado: lhe digam qualquer coisa

Eliminado: T

Eliminado: ,

Eliminado: mais

Eliminado: em resposta

Eliminado: depois de várias hipóteses

Eliminado:

Eliminado: ãe

Eliminado: dele

Eliminado: Prefere morrer nas tentativas do que ficar à espera.

Eliminado: tem força e

Eliminado: por alguém

Eliminado: Mas n

Eliminado: -se

Eliminado: , sempre faria mais sentido e é de sentido que precisa

Eliminado: ;

Eliminado: Empoleirado na enxerga

Eliminado: das árvores

Eliminado: ao anoitecer

Eliminado: a

Eliminado: , que ainda lhes vê a silhueta

Eliminado: tem a certeza de já

Eliminado: ter

Eliminado: ido

Eliminado: chega a mão ao bolso, tira

Eliminado: e leva-os à boca

Eliminado: , cruza os braços à faraó

### Depois

Todos os dias o mesmo: a vozearia indistinta, o mau cheiro que lhe atinge os pulmões como se fosse a primeira vez. Só recebe luz na cara durante uns minutos, de manhã, o que geralmente o acorda.

A vida passa-lhe ao lado. Está perdido no tempo e preso no espaço. Aqueles metros quadrados são o mesmo que nada; só lá cabem ele e os seus planos adiados. Não desapareceram, assombram-no. E o mais certo é que assim continue a ser eternidade fora. Ou eternidade dentro.

Conhece os sons dos guardas e as vozes de alguns dos outros, mas não lhe dizem nada. Ninguém se conhece nem sabe por que motivo está ali; a incógnita vivida coletivamente sempre consola. A sós consigo, sufoca. Os dias monótonos e repetitivos fazem com que se sinta progressivamente mais deprimido e saturado daquele lugar abjeto.

Um guarda aparece e abre a fresta deixando entrar mais alguma luz.

– Almoço. Despachar.

Não é o tipo do costume. Pensa nisso para se distrair. De todas as vezes que lhe trazem as refeições (para quê?!), lembra-se dos comprimidos que tem consigo. São a única coisa a que se pode agarrar, a única coisa que foi a tempo de agarrar. O facto de a qualquer momento poder pôr fim ao pesadelo conforta-o. Até a morte tem o seu lado bom. Paradoxalmente, são estes comprimidos que lhe vão dando vida.

De todas as vezes que lhe trazem a malga lembra-se também dos guardas, tão presos como ele mas a terem de o servir. O absurdo é geral. O desespero calado, tão sólido como as paredes, faz-se sentir de ambos os lados.

Perdida a conta dos dias, eles fundem-se. A rotina não chega sequer a sê-lo. Há só uma grande manhã, uma grande tarde, uma grande noite; o mesmo calor fétido, a mesma dormência nos membros, o mesmo carrossel girando ao ritmo da mesma valsa infernal. Desistiu de esperar e já não se lamenta.

À tarde, para sua incredulidade, sente o edifício desabar com um estrondo demorado. Porém, para lá do abalo violento, nada mais aconteceu no seu cubículo. Depois de uma tontura e de confirmar que não alucina, empoleira-se na enxerga e aproxima-se das grades para tentar avistar alguma coisa. Percebe que foi grave. Vê copas de árvores e sente-se feliz. Reconhece-lhes o verde. Nunca antes as vira da janela; só o céu. À sua volta há barulho e então grita também. Pede socorro, chama por alguém, quer dizer que está ali. Não há resposta. O ruído confuso continua. Algum tempo depois torna-se evidente que houve uma fuga. Como não sabe onde está, não pode imaginar para onde. Para fora.

Instalou-se um silêncio definitivo. A cela está agora um pouco inclinada e consegue ver as tais árvores, mas nada mais. Chama por alguém o mais alto que pode e não obtém resposta. Chama pelos guardas. Chama de novo. Nada. Este é um silêncio novo; não como o das noites, não como o do seu transe solitário; é um silêncio de

## Exemplo de edição (ficção)

© Rita Canas Mendes | Com Texto

vento a roçar o edifício que ele desconhece. Se se sentasse e ouvisse com atenção, talvez decifrasse a arquitetura através dos silvos, mas está demasiado inquieto. As árvores, por momentos, devolveram-lhe a esperança. Puxa novamente pela garganta e chama. Chama por alguém, chama por si, chama por um sinal de vida. Que o tirem dali, que não se esqueçam dele. Desta vez ouve resposta. Chega-lhe, distante, um eco sumido. Entre o desespero e a euforia, torna a chamar. Mais alto e mais alto ainda. Recebe de volta um murmúrio dorido. A voz de lá não tem força e a dele perde a que lhe resta. Tenta sossegar-se e acaba por supor o pior: o edifício ruiu, os que não morreram soterrados fugiram e a sua cela ficou intacta. Não pode ser. Atira-se contra as paredes, talvez o abalo as tenha enfraquecido. Tem de aproveitar enquanto a adrenalina lhe corre nas veias. Usa os pés, os ombros, o corpo todo. Nada. Interrompe as investidas de vez em quando para voltar à janela em busca de alento. O silêncio torna tudo pior. As paredes, imóveis, recusam as suas súplicas. As árvores acenam-lhe de longe. Cansado, volta a chamar. Os pensamentos atropelam-se e agarra-se à ideia de alguém o vir buscar. Não sabe onde está, já mal sabe quem é, e a esperança reduz-se a um pavio carbonizado. As horas passam e em breve anoitece. Está esgotado. Gastou em poucas horas energia que lhe renderia uns dias de sobrevivência, mas não se arrepende. Parou de lutar, já só espera por um som humano ou um milagre. Preferia o primeiro. Mas, sabe-o, ninguém virá, não há ali nada que alguém possa querer.

De pé sobre o catre, esticado o mais que pode, contempla as copas, alongadas, até escurecer. Depois disso, continua de olhos postos no recorte das árvores contra o céu. Não está seguro de distinguir a sua silhueta, mas pensa que sim. Quando reconhece que a perdeu de vista, alcança os comprimidos. Tem de os engolir com saliva. Mastiga-os para acelerar o efeito e certifica-se de que não deixou nada na boca. Deita-se e adormece no seu caixão.